

# PECADOS INTOCÁVEIS

## IMPIEDADE – Parte 1

Os nossos estudos até aqui foram um preparo a fim de nos capacitar a analisar e lutar contra alguns pecados específicos que podemos ter a tendência de tratá-los como intocáveis. Vimos o significado do termo “*santo*”, refletimos sobre a tendência moderna de não se falar em pecado, relembramos sobre a malignidade e a cura do pecado, estudamos acerca do poder do Espírito Santo e, por último, tratamos sobre as orientações bíblicas sobre como lidar com o pecado. No presente estudo, começaremos a analisar um pecado específico que, infelizmente, podemos ter a tendência de tolerar: a impiedade.

Qual seria a raiz de todos os pecados? Seria o orgulho ou a idolatria? Embora entenda que todo pecado que cometemos manifeste orgulho e idolatria, Jerry Bridges afirma que o pecado mais básico é a impiedade. Isso pode soar estranho, pois os cristãos não se veem como ímpios, embora ainda pequem diariamente. Sendo assim, como é possível o cristão cometer impiedade? Seria possível alguém ser escrupuloso e respeitável e mesmo assim ser ímpio?

Lembremos o que o apóstolo Paulo afirma em Romanos 1.18: “*Pois a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça*”. Em que consiste a impiedade? A impiedade consiste numa atitude contra Deus, caracterizada pelo viver sem pensar – ou pensar pouco – em Deus, em Sua vontade, em Sua glória ou na dependência que temos Dele. Considerando isso, é possível uma pessoa ser educada, escolarizada, simpática, caridosa e uma boa cidadã, e mesmo assim ser ímpia, uma vez que Deus é irrelevante em sua vida. Inclusive é possível que essa pessoa passe uma ou duas horas na igreja por semana, mas viva os demais dias como se Deus não existisse, ou, se existe, não faz tanta diferença assim na vida prática. Essa é uma atitude que ilustra a impiedade.

Como eu tenho vivido? Como você tem vivido? Tenho levado em conta a minha dependência de Deus? Tenho considerado a minha responsabilidade para com Ele? Infelizmente é possível que leiamos a Bíblia e oremos por alguns minutos pela manhã, mas depois vivermos como se Deus não existisse. Nesse sentido, é difícil notar uma diferença significativa entre o cristão e o seu vizinho que não é salvo, embora seja muito simpático. Talvez uma diferença seja que ele nunca pensa em Deus e você pensa Nele só de vez em quando.

Meditemos nas palavras de Tiago: “*Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo.*” (Tg.4.13-15)

Tiago não está condenando as pessoas que fazem planos ou que buscam fazer negócios que deem lucro. Ele condena o fato das pessoas não reconhecerem que dependem de Deus para a realização de seus planos. E nós? Como fazemos os nossos planejamentos? Será que reconhecemos que dependemos totalmente de Deus ou agimos como as pessoas às quais Tiago se dirigiu?

Mesmo que uma pessoa não esteja mergulhada em pecado e evite pecados mais “*gritantes*”, é possível que, por desconsiderar a vontade de Deus em sua vida, esteja agindo de forma ímpia. Atentemos para o que o apóstolo Paulo afirma em Cl.1.9-10: *“Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus;”*

No texto acima, Paulo deseja que seus leitores sejam cheios do conhecimento da vontade de Deus. Ele desejava que os colossenses fossem cristão piedosos, vivendo de modo digno de Deus e agradando-lhe em tudo. Esse é um exemplo de uma oração centrada em Deus.

Não devemos pensar que os cristãos de Colossos eram supercristãos. Eles não eram. Eles eram pessoas iguais a nós que viviam em uma sociedade pior que a nossa em muitos aspectos. Considerando isso, Paulo esperava que eles vivessem vidas santas e orava para que isso acontecesse. Nesse ponto, as questões que devemos refletir são: Como têm sido as nossas orações? Será que oramos por nós, por familiares e amigos da mesma forma que Paulo? Nossas orações mostram preocupação com a vontade e a glória de Deus? Elas expressam o desejo de viver de um modo que O agrade? Ou são mais parecidas com uma lista de tarefas referentes somente às questões de saúde e finanças? Aqui é importante lembrar que as súplicas por saúde e finanças podem sim expressar nossa dependência de Deus, mas quando só pedimos por essas coisas, elas podem expressar nosso foco no homem e não em Deus. Quando o “*eu*” passa a ser o centro de minha vida e de minhas súplicas, estou cometendo impiedade. Para Paulo, tudo na vida deve ser feito para a glória de Deus. Leiamos o texto de Cl.3.22-24.

Tudo o que fazemos, fazemos na presença de Deus e a glória de Dele deve ser o nosso propósito central em todas as expressões de nossa vida. Se nossas atitudes são autocentradas e marcadas pelo desejo de autopromoção e autoglorificação, estamos cometendo o pecado da impiedade. Ao contrário, a vida do povo de Deus deve ser marcada pela busca da glória de Deus. Fomos projetados para isso e só assim seremos realmente felizes. Mas o que significa viver para a glória de Deus? Veremos isso no próximo estudo.